

Experiência e expectativa: Sérgio Buarque de Holanda, o modernismo, a história.

RAPHAEL GUILHERME DE CARVALHO¹

“A arte jamais é passado, mas consegue superar a distância dos tempos através da presença de seu próprio sentido”.²

Muito se escreveu e continuou se escrevendo acerca de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Até mesmo para a irritação do historiador, que o considerava um trabalho “superado e datado”, segundo o recente documentário do “imortal” Nelson Pereira dos Santos, *Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda* (2004). Sérgio preteriu o ensaio de 1936 em favor de *Visão do Paraíso* (1959), que considerava obra de maior importância, mais bem fundamentada em fontes e de acordo com as exigências metodológicas acadêmicas, mas, desproporcionalmente, pouco lida e comentada.

Alcir Pécora, do departamento de Teoria Literária na Unicamp, refletindo sobre o atraso na incorporação da obra de Sérgio Buarque pela pesquisa acadêmica, afirma que nosso autor foi “confundido” com Gilberto Freyre: “se ele [Sérgio] não foi despachado para as mesmas fossas infernais em que ardia Gilberto Freyre, desqualificado como ideólogo do conservadorismo oligárquico, não será exagero afirmar que andou pelas redondezas” (PÉCORA, 2008: 23).

Durante muito tempo foi comum associar-se, equivocadamente, *Raízes do Brasil* à tese do brasileiro enquanto “homem cordial”, atropelando-se a própria definição da expressão utilizada pelo autor; além disso, não raramente se associou a ideia do homem cordial à tese de uma história do Brasil “açucarada” associada ao Freyre de *Casa Grande & Senzala* (1933). Vainfas aponta, com discernimento, que “o senso comum [...] construído no meio universitário, onde prevalecia o *esquerdismo*, [...] acabou

¹ Mestrando em História no PGHIS/UFPR, bolsista de mestrado do CNPq, vinculado à linha de pesquisa Cultura e Poder e ao grupo de pesquisa História intelectual, história dos intelectuais e historiografia, sob orientação dos professores doutores Helenice Rodrigues da Silva e Renato Lopes Leite. O artigo trata-se de um desdobramento de parte da pesquisa de mestrado, em caráter inicial, sobre o desenvolvimento dos conceitos de temporalidade e consciência histórica na obra de Sérgio Buarque entre 1920-1936.

² GADAMER, H-G. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes; São Paulo: Ed. Universitária São Francisco, 2007, p. 232-33.

embolando os dois autores, embora Freyre tenha sido apoiante do regime [militar] e Sérgio Buarque, crítico assumido” (VAINFAS, 2010: 557).

Um breve olhar sobre o “estado da arte”: estudos pertinentes

José Carlos Reis, em livro que analisa diversas “interpretações do Brasil”, situa Sérgio Buarque de Holanda entre os que “redescobrem o Brasil”. Isso quer dizer que Sérgio Buarque “reinterpreta o passado e vislumbra um novo futuro para o Brasil, de superação das raízes ibéricas” (REIS, 2006: 139). Assim, o lugar de *Raízes do Brasil* é o de uma síntese interpretativa da história brasileira que discute o seu passado e futuro, à luz das questões do seu presente, acertando as contas com o passado. Sérgio Buarque desvenda no presente as sobrevivências arcaicas, ainda ibéricas, que precisariam ser superadas. Mas o tema do livro é, acima de tudo, o futuro democrático do Brasil. Trata-se de uma obra que abriu e orientou um debate fecundo sobre o passado e o futuro do país.

Antonio Arnoni Prado, da área de Teoria Literária, organizador de *O Espírito e a Letra* (1996), afirma que *Raízes do Brasil* representa “o olhar maduro do intelectual que encarna, ele próprio, a superação crítica do sistema em que se formou” (PRADO, 1998: 72). O “sistema” em questão trata-se do movimento modernista nas letras e nas artes brasileiras no início do século XX. Para Antonio A. Prado, nos escritos de Sérgio Buarque – um jovem modernista, na década de 1920 – percebe-se não apenas uma relação particular do autor com os moços da Semana de Arte Moderna, mas principalmente a gestação das ideias que definiriam o perfil do clássico ensaio da década de 1930. O projeto de “interpretação do Brasil” de Sérgio Buarque atravessaria, portanto, o movimento e culminaria na publicação de *Raízes*, em 1936, como um “desvio no projeto modernista”.

Para Sérgio Buarque de Holanda, modernismo significa

“[...] acima de tudo, a quebra do formalismo das velhas tradições. Em estudos de folclore, os modernistas dirigiram sua atenção para o interior do Brasil, longe das cidades europeizadas. Tornando os negros o objeto de sua arte, eles declararam que não somente os brancos eram brasileiros. Eu trouxe estas preocupações para dentro do meu trabalho histórico, bem como para todos os demais. *Raízes do Brasil* foi uma tentativa de fazer algo novo, para quebrar com a glorificação patriótica dos heróis do passado, para ser crítico” (HOLANDA, 1987: 108).

Essa visão *a posteriori*, no entanto, não representa o posicionamento crítico ao movimento que o autor assume ainda no seu transcurso. Em 1924, funda a *Revista Estética*, em parceria com Prudente de Moraes Neto, colega de Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, com o objetivo de preencher o vazio causado pelo expiro da *Revista Klaxon* (1922-23), da qual havia participado como colaborador eventual e representante no Rio de Janeiro. *Estética*, diferente de *Klaxon*, não se propunha uma revista iconoclasta, mas, sim, de crítica (VELLOSO, 2006). Porém, antes mesmo de *Estética*, Sérgio já havia publicado na *Revista do Brasil*, no *Correio Paulistano*, em *A Cigarra* e em *Fon-Fon*. O primeiro artigo veio a público em 1920, pelo *Correio Paulistano*: chamava-se “Originalidade Literária” e defendia a necessidade de uma “literatura nacional” (BARBOSA, 1988: 37).

Um novo momento em sua carreira viria a acontecer em 1929, quando viajaria para Berlim como jornalista da agência brasileira Havas e, posteriormente, a serviço da internacional *United Press*. Na Alemanha sedimentaram-se em Sérgio Buarque de Holanda certas tendências de pensamento que o tinham predisposto a entrar em desavenças com os colegas modernistas (DIAS, 1985).

A partir do encontro e do convívio intelectual com Friederich Meinecke, professor na Universidade de Berlim, Sérgio Buarque aderiria a “um modo de ser historista” (DIAS, 1985: 17), que consistia basicamente em ver na vida dos homens em sociedade configurações de momento, conceitos temporários de vida, valores culturais sempre relativos, em processo de mudança. Pôde, então, amadurecer algumas diretrizes com as quais já convivia nas leituras de, por exemplo, Dilthey. Considerados estes aspectos, Maria Odila Leite da Silva Dias afirma que *Raízes do Brasil*, inserido no contexto intelectual do modernismo, é uma espécie de “acerto de contas” com os modernistas. Trata-se da “interpretação de um processo temporal”, em que a vida urbana era a grande força revolucionária, que finalmente ameaçava o predomínio da cultura e dos costumes ibéricos (DIAS, 1985: 37).

Encontramos, então, nos textos de crítica literária e em *Raízes do Brasil*, como recorrentes, a questão da tensão permanente entre arcaico e moderno ou a persistência das tradições e a mudança histórica. A questão da temporalidade é elemento primordial não somente para Sérgio Buarque de Holanda, mas para o próprio modernismo, que

procura desvencilhar-se da situação de “atraso” do contexto nacional em relação ao concerto internacional e se define, justamente, pela atualização do contexto da nacionalidade em face das transformações mundiais em termos econômicos, artísticos e culturais (MORAES, 1988).

Monica Pimenta Velloso é uma das pesquisadoras que recentemente se debruçou sobre o modernismo brasileiro e, inclusive, a participação de Sérgio Buarque neste movimento literário. Em “O modernismo e a questão nacional” a autora defende que se entenda o movimento modernista, no tocante à brasilidade, como não exclusivo da “geração de 1922”, mas em uma temporalidade mais longa, associada à geração de 1870, pioneira, segundo ela, no debate sobre o caráter nacional: “a instauração do moderno, a entrada do Brasil no concerto internacional obrigou a uma autorreflexão por parte da intelectualidade” (VELLOSO, 2003: 382). Foi necessário um olhar retrospectivo sobre a nossa história e nossas raízes, no intuito de poder construir a ideia de brasilidade.

Velloso aponta que a *Estética*, de Sérgio Buarque e Prudente de Moraes Neto, “ênfatisa a necessidade da brasilidade criar um tempo-experimento para, então, voltar-se à construção de um pensamento original” (VELLOSO, 2006). A importância crucial de *Estética* talvez resida na hipótese de ter sido a primeira a reavaliar de maneira crítica o próprio movimento, depois de amaciado o *frenesi* causado pela Semana em 22 e a iconoclastia que se seguiu, e não apenas o fato de ter suprido o “vazio” causado pela ausência de Klaxon.

Crítico cosmopolita e de posicionamento original, o jovem Sérgio Buarque de Holanda de certa forma estava além das questões específicas dos jovens futuristas de São Paulo; suas ideias nem sempre coadunaram o ideário da Semana de Arte Moderna. Considerando-se *Raízes do Brasil*, conforme alguns dos autores mencionados, como uma “resposta” ou um “acerto de contas” com o modernismo, cabe perguntar quais as diferenças marcantes de Sérgio em relação ao contexto intelectual do modernismo brasileiro.

Como, em um presente em transformação, no contexto das décadas de 1920-30, articula a experiência histórica às expectativas de futuro? O hermeneuta (intérprete do Brasil) Sérgio Buarque é aquele que, a partir do posicionamento crítico, em um contexto de orientação em processo de mudança, produz *sentido*, ou, para usar a expressão de

Jörn Rüsen, “constitui sentido” sobre a experiência temporal, com função de orientação cultural. Desprendido, parece ter cursado um caminho próprio e mais ou menos radical.

Categorias meta-históricas: experiência e expectativa

A Alemanha, segundo Estevão de Rezende Martins, sedia “o maior movimento de sistematização teórica da ciência histórica do século XX” (MARTINS, 2007: 58). O “chefe” desse movimento seria Reinhart Koselleck, historiador associado à história intelectual, à história dos conceitos e às reflexões sobre a temporalidade. Além de Koselleck, nosso outro aporte teórico está no trabalho de Jörn Rüsen. Suas pesquisas e reflexões são fundamentais no debate sobre a questão epistemológica da cientificidade da história e de sua abrangência racional. Rüsen, segundo Estevão, “apresenta um sistema moderno, abrangente e coerente da teoria da história” (MARTINS, 2007: 59).

Reinhart Koselleck é considerado um dos mais eruditos historiadores contemporâneos. Lecionou nas universidades de Bochum, Heidelberg e Bielefeld, e ao longo de sua trajetória acadêmica, contribuiu de maneira significativa para estudos relacionados à teoria da história e principalmente para a vertente historiográfica denominada história dos conceitos, da qual é fundador. O trabalho que nos serve de referência para as análises sobre a questão da temporalidade é *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (KOSELLECK, 2006). Coletânea de ensaios, o livro se divide em três partes: na primeira, enfatiza-se as peculiaridades da experiência histórica moderna e o novo conceito de história que, a partir do século XVIII, fará oposição à *historia magistra vitae*; na segunda, encontram-se ensaios teóricos que refletem sobre metodologia histórica e diferentes interpretações historiográficas, como a especificidade do método na história dos conceitos; por último, são considerados de maneira mais detida textos que trazem à superfície da linguagem a experiência temporal.

Para tematizar e operacionalizar o tempo histórico, ele criou as categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006: 305-327). São categorias temporais formais que possibilitam a interpretação da história, ou seja, categorias analíticas definidas posteriormente pelos historiadores, e determinações históricas que orientam e são orientadas por ações concretas.

Entende-se por “espaço de experiência” o passado tornado atual, na perspectiva de que no espaço do presente convivem simultaneamente diversos tempos anteriores preservados na memória e incorporados ao cotidiano. Já o “horizonte de expectativa” é o que, no presente, volta-se para o futuro. São esperanças ou angústias apontadas para o que ainda não foi vivido, para experiências que ainda não podem ser observadas. O tempo histórico seria então, fruto da tensão entre experiências e expectativas; tensão essa que pode ser analisada através da relação histórica entre passado e futuro.

Paul Ricoeur ressalta a universalidade dessas categorias, afirmando que podem ser aplicadas a qualquer período (RICOEUR, 1995: 369).

Jörn Rüsen defende que atualmente as fontes de sentido e significado das sociedades avançadas do Ocidente parecem estar se esgotando. O problema se caracteriza, mais especificamente, pela crise da noção de progresso. A reflexão se baliza pela questão de como a história deve enfrentar esta crise de orientação da chamada pós-modernidade. Rüsen considera as críticas pós-modernas à história, mas refuta seus radicalismos, como o excessivo valor à imaginação histórica, ao ficcionismo e ao relativismo total.

Desde os anos 1970 empreende seu trabalho de fundamentação da ciência histórica em face dos debates e problemas expostos pelos chamados “pós-modernos”,³ contrários às tradições do pensamento histórico. Sua posição é eminentemente moderadora do debate. Em última análise, sua *matriz disciplinar* defende que a ciência histórica tem por função cultural a “constituição de sentido”, sem dissociar o acontecimento de suas interpretações. Assim, o conhecimento histórico exerce sempre funções na vida cultural do presente e ambos cumprem um papel essencial no trabalho do historiador.

Para analisar a importância da consciência histórica (e da reconstrução do passado) em Sérgio Buarque de Holanda dos primeiros trabalhos até *Raízes do Brasil*, utiliza-se o conceito formulado por Jörn Rüsen. Segundo ele, as narrativas historiográficas são derivativas das carências de orientação no fluxo do tempo, na busca de se situar entre o passado e o presente.

³ A principal crítica de Rüsen a estes é a contestação da racionalidade metódica e da ausência de horizonte de expectativas, o que, para ele, pode-se considerar um flerte com o irracionalismo e o misticismo. A crítica de Rüsen a favor da razão histórica se aplica, por exemplo, à micro-história, à história antropológica, do cotidiano ou das mulheres.

[...] o pensamento histórico é fundamental para os homens se haverem com suas próprias vidas, na medida em que a *compreensão do presente* e a projeção do futuro somente seriam possíveis com a *recuperação do passado* [...]. As carências de orientação no tempo são transformadas em interesses precisos no conhecimento histórico na medida em que são interpretadas como *necessidade de uma reflexão específica sobre o passado*. Essa reflexão específica reveste o passado do caráter de “história” [grifos meus] (RÜSEN, 2001: 30-1).

Segundo Rüsen, a consciência histórica se faz na vida prática; trata-se do conhecimento de como nos situamos no tempo, ou seja, de como estamos inseridos em contextos específicos. É por meio desta consciência que são criadas as narrativas que tornam o passado presente, para interpretar e orientar experiências atuais do tempo (RÜSEN, 2001: 56-66).

Sérgio Buarque de Holanda no Modernismo: experiência histórica e expectativa democrática

Conforme vimos anteriormente, há uma centralidade da posição eminentemente “crítica” de Sérgio Buarque de Holanda no interior do modernismo, corroborada por diversos autores (LEONEL, 1982; SEVCENKO, 1992; PRADO, 1998; VELLOSO, 2006). Essa noção é uma das diretrizes de nossa análise, bem como da própria interpretação de Sérgio sobre as transformações do contexto brasileiro de então. De nossa parte porque a categoria “intelectual” requer como necessária a postura crítica, entre a moral e a política, de intervenção na esfera pública. Por sua vez, o intelectual Sérgio Buarque de Holanda, no contexto dos anos 1920-30 posiciona-se, evidentemente, de maneira crítica nos debates intelectuais modernistas (e alternativamente ao próprio modernismo) e ao assumir a responsabilidade de uma “interpretação do Brasil” como maneira de se apontar uma expectativa capaz de constituir sentido e superar carências de orientação.⁴

A posição crítica de Sérgio Buarque de Holanda pode se tornar melhor compreendida se considerada em seu próprio contexto de orientação, em sua

⁴ Sobre a categoria “o intelectual”, ver SILVA, H.R. O intelectual, entre mitos e realidades. *Revista Espaço Acadêmico* [online], n. 29, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.html>>. Acesso em: 12.03.2011.

historicidade. Irradiando-se a partir de São Paulo⁵, o movimento modernista na década de 1920, de experimentação e busca de alternativas culturais, acompanha o crescimento desordenado da cidade, o processo de industrialização, aceleração do cotidiano e desenraizamento da cultura de massas europeia, em meio às notícias da recente Primeira Guerra Mundial. Destes acontecimentos e transformações profundas da realidade nacional e global, emerge, por exemplo, e sobremaneira, uma nova consciência de brasilidade que continha a esperança (a expectativa, a promessa) de uma ruptura com o passado autoritário.

Lucia Lippi Oliveira afirma que há dois momentos distintos do modernismo: o primeiro caracteriza-se pelo “combate ao passado e elaboração de nova estética adequada à vida moderna [...] entendida como a vida urbana e industrial que tinha São Paulo como seu ponto máximo” (OLIVEIRA, 1997: 190). A segunda fase do movimento modernista, a partir do “Manifesto Pau-Brasil”, de Oswald de Andrade, teria na brasilidade seu eixo principal: “o modernismo cria e difunde a necessidade de identificar a substância do SER brasileiro, denuncia os conhecimentos/saberes atrasados que impedem a captação do ser brasileiro e colabora na elaboração de inúmeros retratos do Brasil” (OLIVEIRA, 1997: 191). Podemos também pensar, com João Luiz Lafetá, estes momentos distintos como uma virada do “carnavalesco” para a ideologia, ou, ainda, como da estética para a política (LAFETÁ, 200: 28).

Nesses “retratos do Brasil”,⁶ impunha-se a questão da atualização cultural e, ligado a isso, a necessidade de encontrar uma temporalidade própria para a brasilidade. Movimento plural, no tempo tanto como no espaço, o modernismo, nos termos aqui apresentados, ao procurar acertar o relógio nacional com os países industrialmente desenvolvidos, pretendeu, por meio de uma experiência original, apresentar o Brasil às nações civilizadas (VELLOSO, 2003, 382). São estes alguns traços essenciais do contexto de orientação de Sérgio Buarque entre os anos 1920-30. É importante salientar a relação intrínseca entre as experiências do passado (aquelas que o historiador pretende

⁵ Embora o modernismo não seja fenômeno exclusivo de São Paulo, como bem demonstrou, por exemplo, Ângela de Castro Gomes, em trabalho sobre o modernismo em outras regiões do Brasil. O próprio Sérgio Buarque de Holanda, paulista de nascença, permanecia no Rio de Janeiro durante os tempos mais efusivos do movimento modernista. Cf. GOMES, A. C. *Essa gente do Rio...* Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

⁶ Por exemplo, em 1928 surge o ensaio de Paulo Prado, que, ao analisar o caráter brasileiro, defende a existência de uma tristeza própria, decorrente da cobiça e licenciosidade dos tempos coloniais. PRADO, P. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

reconstruir) e as carências de orientação que marcam profundamente o seu tempo presente. Jörn Rüsen defende esta relação primordial como determinante para o interesse histórico, pois permite que as influências do passado no presente sejam interrogadas, pesquisadas, interpretadas. Portanto, este breve contexto que delineamos contém as experiências, expectativas e necessidades de constituição de sentido, motivadoras de uma reconstrução (crítica) do passado (RÜSEN, 2001: 84).

Qual seria, então, a especificidade do olhar de Sérgio Buarque de Holanda face a este contexto de orientação, no interior do movimento modernista? Qual o diagnóstico apresentado pelo então jovem crítico de cultura sobre sua geração? Principalmente dois textos, escritos um em 1924, outro em 1926, podem nos apontar alguns sinais (ou hipóteses) das particularidades da visão do autor sobre tais demandas.

Em 1924, Sérgio publica um artigo polêmico na Revista *Estética*, que foi capaz de produzir algum abalo no interior do movimento modernista. O autor critica Graça Aranha, autor de *Canaã* (1902) e um dos expoentes do modernismo, ao afirmar que o que atrapalharia seu pensamento estético seria a ausência de imaginação histórica: “[...] nele, a *imaginação histórica* nada significa para a *imaginação estética*, sendo antes um estorvo, na medida em que deprime o artista enquanto homem completo [grifos meus]”. Vai além da crítica da ausência de imaginação histórica, ao sugerir que negligenciá-la poderia desviar o autor a quedar em “inconsciente mítico”: decorrente da ausência de história, “resta ao homem americano, e ao brasileiro em particular, a imaginação estética criada no inconsciente mítico, onde ainda não foi de todo eliminado o terror cósmico” (HOLANDA, 1924: 29-36).

Em 1926, o texto “O lado oposto e outros lados”, publicado na *Revista do Brasil*, provocaria novos desconfortos e fraturas no movimento modernista, a ponto de logo em seguida nosso autor aceitar uma proposta de trabalho em jornal do Espírito Santo, para onde rumaria, recluso das discussões. Em “O lado oposto e outros lados” Sérgio afirma com certo otimismo que o grande efeito do modernismo de 1922 foi o rompimento, a descontinuidade, mas logo em seguida retoma o tom provocativo:

a gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele catecismo bocó, o idealismo impreciso e desajeitado, a poesia “bibelô”, a retórica vazia, todos os ídolos da nossa *intelligentsia*, e ainda não é muito o que fez. Limitações de todos impediam e impedem uma ação desembaraçada e até mesmo dentro do movimento que suscitou esses milagres têm surgido germes de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem trégua (HOLANDA, 1988: 85).

Após o elogio da ruptura “de todas as diplomacias nocivas”, Sérgio Buarque recupera a tonalidade crítica contra os “germes de atrofia”. As críticas são diretas e ele nomeia os alvos: Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde. A acusação é, sobretudo, o fato de estes autores arrogarem para si a liderança do movimento e tentarem impor a *construção* de uma arte genuinamente brasileira. Para Sérgio, “ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença” (HOLANDA, 1988: 86). Com isso, marcava sua posição: censurava a incapacidade de criação artística espontânea, o que deveria ser historicamente explicado. Eis, hipoteticamente, o desvio do projeto modernista original efetuado por Sérgio Buarque.

Outros textos publicados por ele entre 1920 e 1926 são também significativos. No primeiro deles, “Originalidade Literária”, publicado no jornal *Correio Paulistano*, em abril de 1920, Sérgio Buarque defende a necessidade de uma “literatura nacional”, de caráter original, a partir da “inspiração em assuntos nacionais” e “respeito de nossas tradições” (HOLANDA, 1996: 35-41). Há um esboço, bastante primário (levando-se em conta o peso dos desenvolvimentos posteriores, em 1936 e 1959, com *Raízes do Brasil* e *Visão do Paraíso*, respectivamente) das questões sobre o americanismo e diferenças entre os colonizadores portugueses e espanhóis e como isso influenciou desenvolvimentos diferentes. Mesmo sobre “O lado oposto e outros lados” é possível lançar pontes entre um pensamento original e seu desenvolvimento posterior, em *Raízes do Brasil*, sobre a “cultura bacharelesca”. Em “O lado oposto e outros lados”, lê-se:

os erros deles [os alvos da crítica são Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde, principalmente] está nisso de quererem escamotear nossa liberdade, que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais considerável, em proveito de uma detestável abstração inteiramente inoportuna e vazia de sentido (HOLANDA, 1988: 87).

Em *Raízes do Brasil*, o autor retorna à temática ao fazer a crítica do “saber aparente” ou do “liberalismo ornamental”, estudado superficialmente nas escolas de Direito e jamais aplicáveis, muito mais uma questão de *status* social que propriamente uma condição necessária:

As atividades profissionais são, aqui, meros acidentes na vida dos indivíduos, ao oposto do que sucede entre outros povos [...]. As nossas academias diplomam todos os anos centenas de novos bacharéis, que só excepcionalmente farão uso, na vida prática, dos ensinamentos recebidos durante o curso (HOLANDA, 1995: 156).

Quando afirmamos acima que, com o artigo “O lado oposto e outros lados”, nosso autor possivelmente estivesse definindo uma posição dentro do modernismo, é prudente deixar claro que não é fácil delimitá-la, considerados o caráter rebelde de Sérgio Buarque, o seu “desvio” do projeto modernista, a velocidade das transformações destas relações, a postura acima de tudo crítica do autor e a complexidade desta rede de sociabilidade intelectual. Contudo, arriscamos supor que Sérgio não optara por “lado” nenhum,⁷ e sim por seguir a si próprio (aí o “enigma” do título?) e a convicção da necessidade de se recuperar a experiência brasileira (mesmo que exígua, tímida, envergonhada) como eixo orientador das discussões acerca do futuro.

A partir dos excertos discutidos acima, parece mais clara nossa hipótese de que a originalidade de Sérgio Buarque de Holanda, ao discutir de maneira característica de si a cultura brasileira e a ausência (ou limitação radical) de sua cultura histórico-crítica, parece traçar os primeiros contornos de análise eminentemente histórica da cultura brasileira. Ou seja, confere importância fundamental à presença da experiência histórica (atuante) no presente, necessária no direcionamento/orientação das expectativas futuras. Diferente de seus pares, a quem critica notavelmente, Sérgio Buarque percebe uma possibilidade de evasão na avaliação crítica do passado brasileiro para o despontar de um novo horizonte de expectativas. Possivelmente visasse, com isso, a formação de uma “unidade de sentido”, coerente, compreendendo simultaneamente passado, presente, futuro⁸. Corolário de nossa hipótese vem a ser a afirmação de Antonio Arnoni Prado: para este, em Sérgio Buarque o “historiador complementa as incursões do crítico [literário], na perspectiva de quem analisa as transformações na literatura com um olho nas alterações do contexto” (PRADO, 1992: 145).

⁷ Não tomou o rumo dos mais incendiários (guarda restrições ao Manifesto Pau-Brasil de Oswald de Andrade, bem como se preservou de lançar-se ao futurismo de Marinetti), muito menos dos academicistas, como Graça Aranha, e da reação católica encabeçada por Tristão de Athayde. Cf. HOLANDA, S.B. O futurismo paulista. HOLANDA, S.B. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária (1920-1947)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 131-34.

⁸ É interessante, neste ponto, retomar uma reflexão de Koselleck acerca da temporalidade: “o moderno conceito de história extrai sua ambivalência da obrigação de ter que ser pensado como um todo (ainda que por razões estéticas), mas que ao mesmo tempo jamais pode ser dado como terminado, pois o futuro permanece desconhecido, ainda que de forma conhecida”. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2006, p. 132.

Depois de 1929, quando viaja à Alemanha, conforme lembramos no início do texto, Sérgio Buarque aprofundaria suas ideias de história, até o ponto de, segundo Maria Odila Leite da Silva Dias, aderir a um “modo de ser historicista”. Ela mesma diria que *Raízes do Brasil* trata-se de uma espécie de “acerto de contas” com os modernistas. José Carlos Reis aponta ser um livro “otimista, que renova as esperanças do Brasil (REIS, 2006: 140).

A interpretação do Brasil trazida à luz por Sérgio Buarque em 1936, crítica das raízes ibéricas do passado brasileiro pode ser entendida a partir deste contexto coetâneo à escrita do ensaio: o autor sente-se ansioso diante dos empecilhos que dificultam o desenvolvimento de uma democracia no Brasil. “O Homem Cordial”, capítulo seminal da obra (pela repercussão, mal-entendidos e, principalmente, debates que proporcionou), faz uma forte crítica ao personalismo e, por extensão, ao autoritarismo presentes no “caráter brasileiro” como herança lusitana. Ora, tais valores são destoantes, quando não inconciliáveis com o conceito moderno de democracia.

Ademais, o último capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado “Nossa Revolução”, explicitamente afirma a necessidade e o desejo de revogar a velha ordem patriarcal e oligárquica. A “revolução” a que se refere Sérgio é, acima de tudo, a ruptura do predomínio das oligarquias e a lenta virada da predominância do rural para o urbano

Essa vitória nunca se consumará enquanto não se liquidem, por sua vez, os fundamentos personalistas e, por menos que o pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social [...] somente através de um processo semelhante [revolucionário] teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e patriarcal (HOLANDA, 1995: 180).

Na base, portanto, da crítica ao passado colonial brasileiro, personalista e autoritário, está o desejo e a esperança, finalmente, de democracia no Brasil. Neste capítulo, Sérgio Buarque defende um Brasil democrático, criticando o liberalismo oligárquico excludente, a incapacidade de organização, no Brasil, do comunismo revolucionário (“combina-se antes com a “mentalidade anarquista” de nosso comunismo, do que com a disciplina rígida que Moscou reclama dos seus partidários”)⁹ e os fascismos, que despontavam na Europa.¹⁰ Visivelmente

⁹ HOLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 187.

¹⁰ Da Alemanha, Sérgio Buarque enviou para o Brasil, entre 1929-1930, diversos textos sobre o contexto político alemão. Um deles chama-se “O Estado Totalitário”, em que ele se mostra impressionado com a “máxima sujeição do indivíduo ao Estado”. In: BARBOSA, F. A. (Org.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 298-301.

incomodado com o crescimento do fascismo no Brasil (representado pelo Integralismo de Plínio Salgado), a esperança democrática de Sérgio Buarque precisaria de cerca de 10 anos para começar a se realizar. Outro caminho, também de cunho autoritário, se apresentaria como solução à época: o Estado Novo de Vargas, em 1937.

As críticas de Sérgio Buarque de Holanda, vistas nos textos de crítico da cultura dos anos 1920, desenvolvidas e enriquecidas posteriormente no ensaio clássico de 1936 (primeiro, quanto à ausência de reflexão histórica de seus coetâneos modernistas; segundo, quanto à superação do passado colonial brasileiro; terceiro, ao vislumbrar uma expectativa de futuro para o Brasil), confluem para a tessitura de uma temporalidade complexa, que, relacionando, justapondo ou contrapondo passado/presente/futuro, visa abranger, pelas estratégias da poética e da retórica da apresentação histórica, uma unidade de sentido, que tem a “função de orientação cultural mediante a experiência interpretada e representada na forma de uma direção temporal do agir humano” (RÜSEN, 2001: 162).

Considerações finais

Antes de dar fechamento ao texto, é interessante retomar algumas das ideias desenvolvidas até aqui. Em primeiro plano colocamos a importância das carências de orientação do contexto específico de produção dos textos do autor aqui analisados. Os artistas e intelectuais brasileiros, entre eles o nosso autor, por ocasião da modernização do país e das mudanças consideravelmente profundas ocorridas no período, viram-se obrigados a voltar o olhar para o passado em busca de respostas orientadoras. A crítica radical das raízes ibéricas expostas no ensaio de 1936, antes esboçadas pelos escritos iniciais enquanto crítico de rodapé, aponta para a superação das limitações da vida prática impostas por algumas das circunstâncias dadas da vida, a saber, o paternalismo e o autoritarismo, considerados como entraves à constituição de um país democrático.

Compreendido o ensaio na perspectiva mais ampla de discussão da “brasilidade” e resposta aos impasses do movimento modernista, entendemos que sua característica central é a composição de uma temporalidade complexa, que redimensiona o passado da nação à luz dos problemas de seu presente atual e aponta para perspectivas libertadoras no futuro.

De acordo com Rüsen, história é “constituição de sentido da experiência do tempo” (RÜSEN, 2001: 59). Aos poucos, Sérgio Buarque de Holanda, conforme

demonstrado pelos excertos dos textos anteriormente discutidos, ressentido a ausência de uma “consciência histórica” – definida como “o trabalho intelectual do homem para tornar suas intenções de agir conformes com a experiência do tempo” (RÜSEN, 2001: 59) – e a necessidade de os modernistas voltarem-se ao pensamento histórico como fonte de orientação de seu agir. Monica Pimenta Velloso aponta que a revista *Estética*, publicada por Sérgio Buarque e Prudente de Moraes Neto, “ênfatisa a necessidade da brasilidade criar um tempo-experimento para, então, voltar-se à construção de um pensamento original”. Sérgio e Prudente defendem, portanto, o espaço de experiência como essencial na construção de um pensamento sobre a brasilidade (VELLOSO, 2006). Esta seria, com a autora, a nossa hipótese explicativa para o fato dos posicionamentos originais e relativamente independentes de Sérgio Buarque de Holanda no interior do modernismo.

Sérgio Buarque de Holanda abdicaria de sua carreira acadêmica na USP em 1969, em protesto (sem muito alarde) contra as aposentadorias compulsórias de seus colegas pelo regime militar; participaria, como um dos primeiros membros, da fundação do Partido dos Trabalhadores no início dos anos 1980. Se aceitarmos o discurso midiático e de alguns analistas políticos imediatistas, segundo o qual hoje vivemos certa maturidade e segurança da democracia brasileira, podemos tecer relações entre a realidade atual e a rememoração do lugar de Sérgio Buarque de Holanda na intelectualidade brasileira, afirmando que ao privilegiar a importância da ruptura e novidade representada pela obra sua obra, divisamos um Sérgio essencialmente político.

Pode-se falar, então, em um “futuro passado” – Sérgio Buarque de Holanda apontava nos anos 1920-1930 para um horizonte de expectativas democráticas; a rememoração atualizada de sua obra (pela narrativa fílmica, pela pesquisa acadêmica, pelas constantes reedições) a reinsere no presente histórico, reafirma sua pertinência como objeto imprescindível de reflexão e debate sobre o Brasil e a interpretação da sua cultura.

Referências

- BARBOSA, F. A. (Org.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- CÂNDIDO, A (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 72.
- DIAS, M. O. L. S. Dialogando com Sérgio Buarque de Holanda. *Revista da SBPC*, ano 54, no.1, jul/ag/set de 2002.
- _____. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda, historiador*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Sérgio Buarque de Holanda na USP*. *Revista Estudos Avançados* 8 (22),1994. pp. 269-274.
- ESTÉTICA, Rio de Janeiro, I - III(I), set. 1924 a abr. 1925. Ed.fac-símile, Rio de Janeiro, Gernasa/Polivro, 1974.
- FRANÇOZO, Mariana de Campos. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. 151 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Editora Contexto: São Paulo, 2007.
- GALVÃO, V. N. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, P.M.; EUGENIO, J.K. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Rio de Janeiro/Campinas: EDUERJ/Editora da Unicamp, 2008.
- GOMES, A. C. *Essa gente do Rio...* Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- GRAHAM, R. “Entrevista”. In: *Revista do Brasil*. Ano 3, no. 6/87, RJ, RioArte, 1987, p. 108.
- HOLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. *O Espírito e a Letra*. Vol I. Org. Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- KOSELLECK, R. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2006.

LEONEL, M. C. Sérgio Buarque na literatura dos anos 1920. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. SP, n. 24, 1982, p. 64-73

MARTINS, E. R. *A historiografia alemã do século XX*. In: MALERBA, J. ROJAS, C. A (Orgs.). *A historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

MORAES, E. J. Modernismo Revisitado. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.

OLIVEIRA, L. L. . Questão nacional na Primeira República. In: Helena Carvalho de Lorenzo; Wilma Peres da Costa. (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, v. 1, p. 190

REIS, J.C. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília : UnB, 2001

_____. Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da nova intransparência. *História: Questões&Debates*. Curitiba, n. 18 e 19, 1989, 303-328.

SILVA, H.R. O intelectual, entre mitos e realidades. *Revista Espaço Acadêmico* [online], n. 29, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.html>>. Acesso em: 12.03.2011.

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. 3º. Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

VAINFAS, R. “Posfácio”. In: HOLANDA, S.B. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 551.

VELLOSO, M. P. *As modernas sensibilidades brasileiras*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En Línea], Debates, 2006, Puesto em línea el 28 janvier 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index1500.html>.

VELLOSO, M. P. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.